

**EM BUSCA DAS MEMÓRIAS E IDENTIDADES DE UM LUGAR:
CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROTAGONISMO JUVENIL NA CIDADE DE DEUS
(RJ) A PARTIR DA ONG CASA DE CULTURA**

Diogo da Silva Cardoso/UFRJ

Resumo

Este texto tem o objetivo de apresentar a Casa de Cultura Cidade de Deus, entidade ainda em processo de estruturação institucional, mas que já conta com grupos de trabalho em várias frentes: educação, criação de material audiovisual, artes, mostras culturais, gastronomia e assistência social. Seus núcleos de atividades tem uma notável participação juvenil, fato este que revela um tipo de protagonismo que, antes do processo de pacificação comunitária pela UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), ou estava em estado de latência ou era ignorado pelas instituições e programas socioculturais locais.

No núcleo de audiovisual, os jovens mostram uma preocupação aguçada pelo resgate das memórias e identidades que compõem a história do território. Com esse forte desejo impresso nas ideias e projetos dos jovens, a Casa de Cultura pode ser concebida, numa perspectiva sociológica e geográfica, como um dispositivo de mobilização de pertencimentos e de disparos de agenciamentos culturais, cujo objetivo segue uma via de mão dupla: fortalecer a instituição e promover a cultura do bairro na localidade e em outros contextos e lugares. Os agenciamentos dos jovens da Casa seguem a tendência da vida jovem nos centros urbanos: uso intensivo de tecnologias, consumo de imagens e informações diversas, diálogo cultural e adoção de um ou mais gostos estéticos.

Esta pesquisa, que faz parte da minha tese de doutorado (em andamento, na UFRJ), parte de uma metodologia de *ação-pesquisa*, isto é, da participação do pesquisador no cotidiano e nas ações do grupo, e, depois de realizadas as atividades, estas servirão de material e suporte para a análise e confecção do texto científico. Nessa segunda “etapa” da ação-pesquisa, também é imprescindível a contribuição dos sujeitos estudados com críticas, sugestões e outras demandas. Ao final, além de ser um registro científico do grupo, espera-se que o trabalho

ajude os sujeitos a produzir conhecimento da sua realidade e investir em outras possibilidades de agenciamento.

Diante de uma juventude que agora se encontra numa outra realidade sócio-espacial, cabe investigar a territorialidade do grupo, as condições de acesso a outras instituições, redes sociais e províncias de significado, e o rebatimento dessa dinâmica na comunidade local e, mais especificamente, na Casa de Cultura. Entender (e intervir) na espacialidade viva e performática dos jovens da Casa é um meio de revelar as transformações profundas pelas quais passam as periferias do Rio de Janeiro, periferias que chamam para si um cosmopolitismo simultaneamente híbrido e provinciano, dinâmico e conservador, que fornece simulacros para as juventudes e ao mesmo tempo cria os meios para que eles contestem e reinventem a sua existência na sociedade.

Palavras-chave: Rio de Janeiro, protagonismo juvenil, favela, periferia, multimídias.

Introdução

A Casa de Cultura Cidade de Deus, instituição idealizada pelo “irmão” Anderson, tem aos poucos se consolidado na favela-bairro Cidade de Deus como espaço de criação, fomento e amparo de projetos e iniciativas socioculturais direcionadas, principalmente, aos jovens da localidade, independentemente da orientação religiosa e estilo cultural. Para além do investimento em arte, cultura e educação, trata-se de um espaço de socialização e de criação e fruição estética.

Anderson é um agente religioso à serviço da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração¹, além de exímio artista (pintor) e ativista de movimentos sociais como o MST. Hoje, sua atuação tem se concentra nos movimentos endógenos da Cidade de Deus, além, é claro, das atividades que exerce na paróquia local². Data de 2009 as suas primeiras ações no sentido de recuperar a casa que antes estava abandonada e depredada, para garantir à comunidade local um espaço de articulação local e cultural entre a paróquia e os moradores, ONGs e demais instituições locais. Dessa feita, começa a se pensar coletivamente no espaço

¹ Ver: <<http://www.msc.com.br/>> Acessado em: 15 fev. 2012.

² <<http://www.paieternoosaojose.org.br/>> Acessado em: 10 abr. 2012.

para além dos projetos e demandas burocráticas. Projeta-se então uma concepção desse espaço institucional como *locus* estratégico de realização de reuniões, mostras, oficinas e mobilizações culturais, e os jovens sejam os protagonistas dos núcleos de atividade. Nas palavras de Anderson:

A Casa tem que ser um lugar de interação onde todo mundo possa se sentir pertencente a ela. E queremos fortalecer a identidade da Cidade de Deus que está muito fragilizada. Nosso objetivo, como está no slogan da Casa, é pensar a arte servindo às nossas vidas. A Cidade de Deus carece desse pensamento, eu fico preocupado com a forma como nossos jovens, crianças e adolescentes pensam o seu cotidiano. Nós temos, primeiramente, que fortalecer a identidade da Casa, depois é que podemos pensar como trabalhar com os jovens aqui da localidade (ANDERSON, 2009, comunicação pessoal).

Aos poucos, particularmente depois de 2011, quando é realizada uma mostra sobre a obra de Cândido Portinari³, a Casa tem ganhado notoriedade na cena cultural da Cidade de Deus, fato este materializado em quatro importantes projetos que escolheram a Casa como sede de suas atividades. São eles: 1) a Feira da Saúde e Meio Ambiente da Cidade de Deus, iniciativa pioneira na divulgação de terapias alternativas e demais serviços médicos; 2) a agência local do Banco da Providência para geração de emprego e renda; 3) o SUDERJ, com atividades esportivas e artísticas; e 4) o projeto Solos Culturais do Observatório de Favelas, cujas atividades locais são coordenadas por mim⁴.



Imagem 1: Arte gráfica da instituição. Fonte: <<http://casadeculturacdd.wordpress.com>> Acessado em: 03 fev. 2012.

³ <<http://casadeculturacdd.wordpress.com/2011/09/23/mostra-portinari/>> Acessado em: 15 fev. 2012.

⁴ Sou articulador local na Cidade de Deus, cujo projeto envolve um curso de formação em produção cultural com jovens locais, e a produção de intervenções que visem colocar a sociedade em diálogo com o seu espaço vivido. Mais informações, ver: <http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/projetos/mostraNoticia.php?id_content=1149> Acessado em: 05 jan. 2012.

Incrustado perto das principais vias de acesso da Cidade de Deus, a Casa de Cultura, como já foi falado, é um desdobramento da paróquia local para alcançar os segmentos jovens por meio da cultura, inserindo-os em reuniões, núcleos de trabalho e atividades que, de alguma forma, garanta a adesão do jovem à instituição e a promova em outros contextos. Com relação a outros segmentos sociais (crianças, adultos, idosos), outras estratégias têm sido adotadas para garantir a participação destes no funcionamento da Casa. No próximo tópico, abordarei algumas ações da Casa para fortalecer a identidade dos moradores locais com o seu território e outros contextos espaciais.

Desenvolvendo a identidade do/com o lugar: Casa de Cultura como espaço de produção de novas sensibilidades e agenciamentos no território comunitário

De saída, pode-se falar que a memória é o índice que baliza notadamente todas as ações dos partícipes. Desde a criação da Casa em 2009 até a aprovação do estatuto na última semana de dezembro de 2011, ficou estabelecido que as pautas do grupo e das comissões de trabalho ali existentes deverão sempre se pautar na história e cultura locais. A proposta dos líderes, entre eles o Anderson, é criar um processo sinérgico na qual os subgrupos troquem seus conhecimentos e produtos com outros atores de dentro ou de fora da Casa.

O projeto sobre a vida e obra do pintor Cândido Portinari que culminou numa mostra (O Brasil de Cândido Portinari), realizada em 2011 no salão anexo ao edifício principal, ilustra as possibilidades de sucesso ao se articular diferentes atores locais (escolas, grupos artísticos, ONGs, órgãos públicos) com o objetivo de construir projetos e agendas culturais para a comunidade.



Foto 1: Mostra “O Brasil de Cândido Portinari”. Fonte: <http://casadeculturacdd.wordpress.com/#jp-carousel-76>> Acessado em: 15 mai. 2012.

Nas reuniões nas quais estive presente, ficou evidente que a definição da identidade institucional passa pelo modo como os membros se veem no seu território. A meta da liderança é justamente pensar qual o papel da Casa para depois definir a identidade do grupo e traçar planos e estratégias de intervenção local. Conforme as palavras de Anderson:

Só quando definirmos direito quais os objetivos da Casa, poderemos pensar em como vamos nos mobilizar e em qual direção agir. Nós já realizamos algumas atividades como a Mostra sobre Cândido Portinari, e além dessas atividades que hoje estamos sediando como a SUDERJ e agora esse projeto do Observatório de Favelas [Solos Culturais], mas precisamos mostrar não só para o público, mas principalmente para nós mesmos, qual o caminho que a Casa deverá seguir daqui pra frente. A intenção do nosso slogan é justamente mostrar isso: “Arte de Cuidar para a Vida”, e isso envolve cuidar primeiro de nós mesmos para depois cuidar do próximo (ANDERSON, 2012, comunicação pessoal).



Foto 1: Assembléia de aprovação do estatuto da Casa de Cultura, no dia 29/12/2011. Fonte: <<http://casadeculturacdd.wordpress.com/>> Acessado em: 15 mai. 2012.

Tal preocupação reflete as aspirações de seus colaboradores em conciliar o interesse profissional com o interesse pela cultura do território. Por falar em colaboradores, deve-se ressaltar a faixa etária e a condição sociocultural desses colaboradores: são, na sua maioria, jovens, negros, com relativo capital cultural e que conservam laços com outros lugares e grupos. O protagonismo juvenil é hoje uma das marcas distintivas da Casa, fato esse que a liderança luta para manter e ampliar, aproveitando as ideias, capacidade colaborativa e energia dos jovens para solidificar os projetos e, assim, ampliar a troca de experiências e a rede de captação de recursos.

Situados em meio à onda “pacificadora” promovida pelo Estado, esses jovens aproveitam a oportunidade para transitar livremente pela favela e investem em cursos e meios para superar os entraves do acesso à cultura e educação na cidade do Rio de Janeiro. Em um dos núcleos da Casa, a equipe multimídia, cujo propósito é resgatar fatos e artefatos que remetam à história da Cidade de Deus. É nesta equipe que a memória insurge como conceito-problema⁵ e discurso-força.

⁵ Nas poucas conversas com a equipe, ficou constatado o uso similar que fazem entre os conceitos de memória e lembrança. Há também o uso expressivo do termo “resgate histórico” para contemplar as situações de busca

Por conseguinte, a identidade do grupo passa a ser definida, em um primeiro momento, a partir das ideias, valores e atitudes dos jovens congregados. Seus trabalhos se pautam no cotidiano comunitário e no gosto artístico e profissional que assumem. O estilo de vida desses jovens, algo comum em se tratando de contexto metropolitano, é algo extremamente plástico, intercambiável, pode mudar a qualquer instante. O desafio da Casa é conciliar as tendências e estabelecer metas em comum com os associados.

Mas no final das contas, o que tudo isso tem a ver com a espacialidade do grupo? Com o sentido de lugar assumido e praticado por ele? E com a sua relação com a comunidade local?

Um dos primeiros argumentos é que o forte protagonismo juvenil da Casa tem reorientado consideravelmente o foco e o raio de ação territorial. Agindo assim, a política de territorialidade fica mais dinâmica, difusa e incerta. Percorrendo outras redes, mundos e lugares, os jovens trazem a instituição consigo e a ressignificam de acordo com as novas experiências. Trazendo isso para a instituição, sua raiz se estende e novos mundos são conectados. O projeto Solos Culturais é um excelente exemplo. Dois dos membros da Casa fazem o curso, voltasse exclusivamente para a produção cultural da favela. Além de ser um curso intenso com professores universitários e atividades voltadas para o campo formalizado da cultura, as idas e vindas semanais promovidas pelo projeto são um ótimo momento para se acessar outros lugares e equipamentos culturais da cidade, além dos atores com os quais ouvimos suas histórias locais.

pelas histórias perdidas. Em todo caso, a interação dos jovens com outros projetos e situações (o Observatório de Favelas, por exemplo), os tem obrigado a repensar os conceitos apropriados para as intervenções.



Foto 2: Jovens do projeto “Solos Culturais” em uma das salas na Casa de Cultura.
Fonte: arquivo pessoal.

Outro aspecto relevante é o modo como o conceito de memória, sempre trazida a baila pelos membros, se transmuta em memória espacial, em lembranças de uma geografia do passado que hoje almeja-se revivê-la de modo vicário e estetizado. A estética é fundamental nessas situações tanto por ela potencializar as formas pelas quais se transmite a cultura, quanto pela relação de pertencimento que constrói entre os sujeitos e o espaço da criação e fruição estéticas. E para isso, o ritual cumpre um papel fundamental na estabilização dos laços com a instituição (PERNIOLA, 2005). Um espaço ritualizado é um espaço de articulação e de afirmação e fortalecimento de compromissos os mais diversos. Em uma conversa inusitada, Anderson deixa claro que para a Casa funcionar “na mais perfeita harmonia”, é necessário ir além das reuniões formais, dos comprometimentos burocráticos e do puro ativismo cultural: é preciso momentos “místicos” para unir a fé e mostrar que a Casa não é uma instituição puramente cultural, em outras palavras, secular. Também nesse caso, o que está em jogo é a estética, a estetização do espaço para cativar o público extramuros e acoplar os que já estão dentro.

Hoje, não há equipamento cultural que sobreviva sem que se pense, por antecipação, quais os valores e sensações estéticas que se quer passar. A sensibilidade estética é um passo

efetivamente o *core*, ficando a Casa como a principal artéria de deslocamento dos sujeitos religiosos e afins pelos interstícios da favela.

Diante do processo de reocupação do espaço que, nas palavras dos membros, estava em péssimo estado de conservação, o “irmão” Anderson e demais interessados vislumbraram, a partir de um novo eixo de atuação da paróquia e da posição central que esta ocupa, um meio de influenciar e magnetizar toda o território comunitário para as atividades culturais e afins realizadas pelo grupo. Em termos geográficos, tal posição só é vantajosa vista dentro de um conjunto mais amplo que envolve não somente a distância física e estrutural da Casa com outros espaços, mas também o comportamento dos habitantes, o grau de capital cultural e educacional no território e o cenário cultural da cidade em geral. É uma forma holística de entender porque, num determinado período, tal equipamento cultural é intensamente utilizado e em outros, a procura é baixa.

Um dos desafios seria então⁶

[que] o prédio se encontra inacabado. Com o tempo, o prédio se deteriorou e começaram vazamentos e infiltrações que ameaçavam a segurança do prédio. Foram feitas algumas reformas emergenciais, reforçando as estruturas do prédio e levantando um telhado que deu origem a um novo pavimento. Para isso, utilizamos ajuda financeira de uma associação italiana, Forneletti, que muito tem colaborado com as obras sociais da nossa paróquia. Outra parte da obra foi possível através de um empréstimo que ainda estamos pagando. A obra foi bem feita, mas o empréstimo não foi suficiente para terminar a obra. Por isso, temos muito trabalho pela frente (ANDERSON, 2011).

Diante de um espaço que sofreu duros choques de “ordem” e de policiamento com fins de pacificação, pensar numa agenda cultural para a região requer esforços para compreender, primeiramente, a conjuntura política e cultural mais ampla para então construir ações de agenciamento efetivo em âmbito local, buscando sempre a articulação com outros contextos e lugares.

Considerações finais

Em muitas situações urbanas, compreender a cultura dos lugares e dos grupos sociais se transforma num exercício espinhoso, fatigante. Entretanto, muitas das situações podem ser

⁶Disponível em: <<http://casadeculturacdd.wordpress.com/2011/05/30/uma-historia-tantas-vidas/>> Acessado em: 15 mai. 2012.

inquiridas e até generalizadas se tomarmos como referência uma instituição cultural, ou mesmo um grupamento social, estético ou político. Para isso, basta que a sensibilidade antropológica esteja afiada, e o olhar geográfico calibrado para dar conta de uma vida pós-moderna líquida (BAUMAN, 2001), comercial (EAGLETON, 2005) e globalizada (WARNIER, 2003) que transformou sobremaneira o modo como as instituições se relacionam com o mundo e com seus espaços de atuação.

No caso específico da Casa da Cultura, vimos o potencial que as memórias do lugar (e, por conseguinte, a identidade e a cultura) podem ter para estreitar os laços da instituição com o seu espaço vivido e com os distintos atores do campo cultural. Quando estrategicamente mobilizadas, isto é, negociadas e utilizadas dentro de um contexto espaço-temporal favorável, a memória torna-se uma ótima ferramenta para mobilizar pertencimentos e firmar práticas de compromisso entre os atores locais e extralocais. A memória foi a peça cultural escolhida pela Casa dentro de uma engrenagem mais ampla, cujo raio de abrangência não envolve unicamente a história *dos espaços* da Cidade de Deus, mas as histórias de pessoas, grupos e acontecimentos que marcaram este lugar que é, ao mesmo tempo, bairro e favela, litorâneo e sertanejo, requintado e despojado, famoso e invisível, declamado e ocultado. Um *mix* onde passado e futuro se entrelaçam para tornar este lugar-favela, no dizer do ativista carioca Marcus Faustini, não uma fonte de carência, mas de potência.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zigmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. Presidente Prudente: EDUNESP, 2005.

PERNIOLA, Mario. *Contra a comunicação*. São Leopoldo: EDUNISINOS, 2005.

WARNIER, Jean-Pierre. *A mundialização da cultura*. Bauru: EDUSC, 2003.